

# O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO.

Editor—A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se a 24000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 17.—Pagamento adiantado.

NUMERO 20.

## O DOMINGO.

MARANHÃO, 1.º DE JUNHO DE 1873.

Folgamos em transcrever para aqui o juizo da Exma. Sra. D. Guiomar Torreção, distincta poetisa portugueza, acerca das *Nebulosas*, da mimosa collecção de poesias, com que a Exma. Sra. D. Narciza Amalia acaba de enriquecer a litteratura patria.

É um primoroso talento feminino que aprecia um outro não menos distincto. Estamos certos que os leitores não levam á mal esta transcripção, filha da sympathia que nutrimos por essas senhoras, que ergueram-se sobranceiras, mostrando ao mundo saberem eximir-se da coacção que empresta á mulher uma sociedade caduca, que lhe desconhece os privilegios.

São estas as palavras da illustre poetisa ultramarina, publicadas n'um folhetim do *Diario Illustrado*, de Lisboa:

.....  
Leitora, prepara-me tu agora o mais gracioso dos teus sorrisos, vou apresentar-te uma senhora, e que senhora! uma poetisa, um talento!...

Tenho-a aqui ao pé de mim; suave, melancolica, grandes olhos seismadores e como que perdidos na vastidão.

## FOLHETIM DO DOMINGO.

### PHANTASMAS DO LUAR.

.....  
Era-meia noite e o somno carregava-me nas palmeiras.

.....  
A lua passeando no seu carro diamantino pelas estradas do céu, atirava sobre a terra jorros de luz.

A brisa passava n'um soprar tão leve, que nem fazia mover os ramos das amendoeiras do jardim botânico.

Alli, um pequeno vulto sentado n'um banco cercado de relva parecia indagar os mysterios das flores.

Um raio de luz ferindo-lhe a fronte, mostrou um militar com a cabeça apoiada na mão direita, tendo a esquerda segura nos copos de ferrugenta espada.

Além, de frente do veterano, uma linda papoula começava a desabrochar.

O orvalho cahia:

Abre o volume com um prefacio do Dr. Pesanha Povoá. Furtos-lhe estes periodos: «Poço que julguem o livro de Narciza Amalia, livro que illumina a grande noite da poesia brasileira. Quando houver um conselho de estado ou um senado litterario, Narciza Amalia terá as honras de princeza das letras. É a primeira brasileira dos nossos dias, a mais illustrada, a primeira poetisa d'esta nação. Delphina da Cunha, Floresta Brasileira, Ermelinda da Cunha Mattos, Beatriz Brandão, Maria Silvana, Violante, são bonitos talentos. Narciza Amalia é um talento feio, horrivel, eruel, porque mata aquelles. Foram as suas antecessoras auroras ephemeris; ella é um astro com orbita determinada.»

A cantora brasileira tem a culpa feliz da exuberancia; os seus versos são prodigos de imagens, luxuosos e perfumados como a vegetação da sua America, outras vezes arrojados e altivos como os pinheiros do Ita-Tiava. Canta em mellicos gorgojos como o sabiá, sem irm-o, entre a bastura esmeraldina do palmar, mas de subito, suspende-se, bate as azas, e enorgieça varonil, exaltada como Joanna d'Arc, patriota como Mad. Roland, despede harmonioso e vibrante este grito:

Meu fleas, quando fui de esta terra,  
Que gentilheza rebranca,  
Ergue-se de pé, angida,  
Das creanças livres na chamma?  
Quando fui de o tufo bomdite  
Trazer, das turmas ao grilo,  
O verbo de Mirabeau?  
E a luz da moderna idade  
Ao crânio da mocidade  
Os sonhos de Vergiludyl!

A rosa fallava de amor ao jasmim, o cravo suspirava no raminho da saudade e o velho embevecido n'um doce seismar, fitava com um riso de felicidade a gentil papoula.

A noite fugia e a lua rebrilhava no seu lindo aleçar.

A flor estremeccendo no galho, abria-se e de seu calix ia saindo uma massa informe e embranquecida.

O gallo começava a cantar e o orvalho matutino gotejava nas folhas.

E do seio da papoula a massa crescia fazendo o frasco hastil tocar na relva.

Era o vulto de um corpo humano que se ia formando no calix da flor.

O velho cedendo a um poder occulto ia curvando-se; estava com os joelhos em terra.

Uma lagrima sulcava-lhe a face; era uma lagrima de alegria!

A flor estava transformada em mulher; era bella! Uma grinalda de rosas ornava-lhe a fronte.

Os seus brasileiros ermos onde ha brisas suspiras e carbas fluctuantes ninguem melhor do que ella a pinta!...

Vê-se aquella natureza robusta onde flores, insectos e passaros se confundem n'um matiz infinito, coberto por um céu constellado de astros novos; assiste-se ao passeio da *sinhô* que pisa indolente e distraida a rubra flor do cacto e passa impassivel pela serpente que se enroscou no tronco da caugerama e a perspectiva d'esse quadro predispõe-nos para absorvermos as tristezas agridoces que brandamente nos vorto no ceração a musa magoada e elegiaca de Narciza Amalia.

Ella falla-nos nos seus versos de uns affectos que se foram como as flores que marcham, de umas saudades remotas, de um lar querido e abandonado onde tudo lhe saíria e para onde lhe foge agora desfeita em lagrimas a melhor porção da vida; e a gente que mal pode crer que tão cedo a saudade vauha sentar-se no lugar da esperança e que na fronte onde florau rozas reitentem assim espinhos, sente, chora e tem saudades com ella e por ella de tudo que não presenciou, que não conhece, de que está separado pelo mar, mas que vê atravez dos crystaes limpídos d'aquella alma, illuminada pelo fogo ardente da imaginação!... Conheço-te, leitora, estou d'aqui a advinhar-te os pensamentos; deseja que tire d'este collar precioso uma joia para ti.

Offereço-te esta; engasta a na memoria, peço-te.

Mistalans é como a rilla-penedora  
Que delira, palpita, haqueja e chora

Era a deusa das flores; a desposada de Zephyro! Desprendendo-se do galho estava quasi que suspensa, mal seus delicados pés tocavam no avelludado da relva.

Encaminhou-se para o velho, collocou a mãozinha no seu hombro, chamando-lhe seu filho dilecto.

Não cou voz humana, mas com um accento divino, como o som das harpas, mandou que se erguesse, fazendo-o sentar no banco ao seu lado.

—Miguel, dice-lhe a deusa, tu es o destinado para restabelecer nesta ilha o imperio das flores.

Minhas fillas vivem abandonadas e eu gemo de dor.

Este pedaço de terra onde definham tantas rosas, vae tornar-se um verdadeiro jardim, assim eu quero e tu o tens entendido.

Ah! com que dor eu vi o feio capim invadir os canteiros das minhas dalias; a parasita enfraquecer as frondosas amendoeiras e as borboletas morrerem crestadas pelo ardor do sol, sem que uma mão piedosa lhes atirasse uma gota d'agua!

Na folhagem sombria da mangueira,  
Como um cyano gentil de argenteos plumes,  
A sobejar a queixa derradeira!

Meu coração é o lóthos do oriente,  
Que desmida nos languores do occidente  
Implorando do orvalho as lactes perlas,  
E na penumbra pallida se inclina,  
E murmura rolando na campina,  
Ó lóthos, transporta-me ás plagas vesales!

Ai! quero aos jardins da adolescencia  
Espiceresme das arces da existencia,  
Nectasjar a fel de acordes dozes,  
Ófepos... comotarei no paraiso,  
Nos lóthos tendo os lyctos do acriorio,  
Subre as aras de mysticos amores!

Pessanha Povoá pede um lugar para a poetisa entre as nossas glorias literarias.

O que N. Anafia é, o que hade ser e o que merece não se pode, impõe-se com a soberania e o prestigio da realza, a unica verdadeira realza dos nossos dias, a do talento.

## NOTICIAS DA PACOTILHA.

Por falta de espaço e de assumpto, ha uma unica noticia:

Foi, por alguns negociantes, submettido à consideração da assembléa provincial um comico requerimento, em que pedem a revogação da acertada e antiga lei provincial, que manda fechar as portas dos estabelecimentos commerciaes aos domingos e dias santos.

Por muitos motivos não devem os Srs. deputados differir a burlesca petição:

1.º—porque não devem satisfazer o estolido capricho de uma duzia de tumens;

2.º—porque essa razão pequenina não deve, de modo algum, bastar para a revogação de uma lei na nossa terra;

3.º—porque o cumprimento dessa lei é exigido pelo terceiro mandamento da de Deus;

4.º—porque no Brasil não conhecemos

Miguel! eu vou fazer-te um botânico; abandona a espada, deixa os canhões; arma-te de uma enxada e um sachó, que a posteridade será tua!

Mas, ah! eu tremo pensando no que hontem ouvi no Olympo:

Mercurio dizia que tinha grande imperio nesta ilha e que era protector de um velho militar que se tinha tornado jardineiro.

Si Mercurio é verdadeiramente, como gabou-se, o teu protector, sei que não tratas de minhas filhas por dedicacão e que se ainda consentem que neste terreno ingrato vegetem algumas rosas, é porque ellas, pobres flores, encobrem debaixo da folhagem alguns grillos que fugiram espavoridos das velhas muralhas de um forte em ruinas!

Miguel, tu me devos ter entendido. Teme a minha colera; no dia em que tiver certeza de que não te dedica a floricultura, eu invocarei o poder dos deuses e será terrivel a minha vingança!

Matarei todas as flores e arvores que fingires tratar e o povo apedrejar-te-ha, chamando-te floriculta!

ainda este preceito:—*Igreja livre no Estado livre;*

5.º—porque a egene manda descansar um dia na semana;

7.º—porque devem lembrar-se dos desventurados caixeiros, dos quaes uma parte apresenta tambem de seu falo, á sua benevolencia, á seguinte

### SUPPLICA:

Os abaixo assignados, caixeiros—por desgraça sua, vêm respeitosa e de braços abertos, supplicar aos Illustres Membros da Assembléa Legislativa Provincial o não differimento do estulto requerimento, que alguns patrões acabam de dirigilhes, pedindo a revogação da grandiosa e sublime lei de 1854, que manda fechar as casas de commercio nos dias em que se não devem abrir.

E' por presarem a saude a respeitarem a Deus que os abaixo assignados dão este passo.—*Antonio José Soares—Manoel Tristão de Sá—Francelino de Lima e Souza—Fortunato de Almeida—Joaquim Ramos Coelho—Pedro Pinto Peirato—Carlos José de Miranda Marques, etc.* (Seguem-se mais duzentas e tantas assignaturas.)

*O Domingo.*

### A poesia popular brasileira.

(Continuado do n. 16.)

## II.

Desde que se começou á encetar a poesia como uma manifestação necessaria e fatal do genio de um povo, como a definição de sua indole, do seu caracter, como um documento de sua vida passada, da sua vitalidade, como uma necessidade, finalmente, desde então procurou-se estudar com affino e conscienciosamente todos os productos da inspiração anyma

O esguio militar, como fulminado, caio aos pés de Flora e estendeu-lhe as mãos em signal de supplica...

Um futuro sinistro passou-lhe pela imaginação veloz como o relampago. Elle viu n'um quadro aterrador a serie de decepções que o esperava, si por ventura realisasse a deusa a sua tremenda ameaça.

O nosso heroe, embora já tivesse passado o circulo das illusões da juventude, sentia-lhe revoltar no peito o vortice das paixões.

Miguel amava, amava desesperadamente. E entretanto, o seu amor era ludibriado e até escarnecido!

Noutes inteiras passava elle no batente da porta da ingrata, nova *Madalena* que pretendia regenerar. Agora, quando ia para colher os triumphos de sua dedicacão, é que lhe apparecia um obstaculo invencivel: a—colera da deusa.

Miguel pretendia com o dinheiro que lhe viesse ás mãos como superintendente arborisador, com-

de que o povo vao-se apropriando pouco e pouco, e d'ahi partio-se para marcarem-se leis e principios, sobre os quaes fundase a formação poetica do povo, sob cuja influencia a poesia popular nasce, cresce e se desenvolve.

Não é nasso proposito fazer aqui a exposição completa e a demonstração d'essas leis. Ellas andam explicadas e analysadas em muitos livros annuaes e de facil leitura. Algumas dellas no correr deste escripto, serão notadas e os factos virão comproval-as á seu tempo.



Para nós, em litteratura como em politica, a questão da raça é de grande importancia, e é ella o principio fundamental, a origem de toda a historia litteraria de um povo, o criterio que deve presidir ao estudo dessa mesma historia.

Pensando assim, já se vê que, estabelecidos os principios, as consequencias e as conclusões devem ser fataes.

Assim, desde que se reconhecer, qter physiologica, quer psychologicamente, a fraqueza de uma raça; desde que se examinarem as leis que presidiram ao crusamento e ao desenvolvimento dessa raça, e concluir-se a sua pouca vitalidade, em razão de defeitos hereditarios, do clima, da nutrição, da fecundação e de muitos outros principios que regem a formação das raças, desde que se reconhecer isto, diziamos, a conclusão não se fará esperar por muito tempo. Saremos obrigados, em que nos pese muito embora, á reconhecer tambem a pouca importancia ou nenhuma, dos productos intellectuaes desse povo, a sua fraqueza, as suas frivolidades e o seu nenhum valor.

Será uma raça que se desenvolve e um povo que se desmorona.

par um vestido ha muito prometido á sua bella.

Miguel pretendia leva-la tambem consigo aos banhos ao baluarte.

Que decepção amarga! que terrivel decepção!

Eis porque elle tam sensivel áquella apparição sobrenatural, tomou fulminado.

A lua escurreceu; um vento frio começou a soprar e os vultos sumiram-se na escuridão.

Reinou profundo silencio por alguns minutos.

Ha uma nuvem negra que passava occultando a lua.

Depois a fada dos arcs reapareceu mais brilhante e...

Tomé café café, *sinhô moço*, dice-me uma preta velha, sacudindo-me a ródre.

Eram 8 horas da manhã.

Ri-me do sonho e disse conmigo—*O Domingo* terá um folhetim, embora zangue-se o amigo Miguel.

Maio de 1873.

Fulgio Coriolani.

Porque é preciso, uma vez por todas, que se convençam os caturras, os carolas, os espiritualistas atzados e os escrupulosos racionalistas, de que nós não somos mais do que um animal aperfeiçoado cuja selecção tem-se operado mais forte e rapidamente. A nossa structura guarda uniformidade com a do macaco, por exemplo.

Bradem muito embora contra a materia os discursadores e sermonistas crentes, em uma ladainha monolona e soponifera: fallem dos gosos do paraíso os mysticos e ascetas, esbofem-se no ensinamento es professores peilantes e *papa-missas*, querendo provar a verdade da legenda adamica, do ideal messianico e de outras mil babuzeiras balofas e malfeticas; rujam embora todos,—a materia foi, e ha de ser o grande principio de vida e actividade, o facto sensível e palpavel no qual a sciencia ha de apoiar-se para caminhar.

Seria interessante indagar a razão por que a raça indiana, a raça primitiva e ante-historica que habitava o Brasil, soffreu uma dissolução tão rapida depois da conquista.

Varnhagem (1) João Lisboa (2) e Gonçalves Dias (3), entre outros, trataram da questão, mas debaixo de um outro ponto de vista; á saber, si se devia censurar ou justificar os colonisadores. O primeiro justificou-os e absolven-os; o segundo, que como seu grande senso philosophico e historico podia entrar em mais succulentas explicações, bateu Varnhagem e collocou-se n'um meio termo; o terceiro finalmente, com o seu apor pelo indianismo, fez um panegyrico á raça india, apostrophou os invasores e poetizou os costumes, a theogonia, a lingua e tudo o mais da caboclagem vadia e indolente.

Mas a questão não é esta. Houve a dissolução, o acabamento quasi total da raça. Pois bem: quaes as razões que actuaram sobre esse facto?

E' uma lei historica que, nas raças puras, é necessario o cruzamento de uma outra raça, para que aquella se possa consolidar. Não é só isto uma lei historica, é uma lei de historia natural. (4)

Como é que a raça india, que se podia considerar como vigorosa, (5) dege-

(1) *Historia Geral do Brazil* T. I.  
(2) *Obras*—T. 3. Nota C. pag. 462 e segs.  
(3) *Introdução aos Annuaes Historicos de Berrado—Brazil e Oceania*, no 6.º volume das *Obras Posthumas*.

(4) E. Ferrière.—*Le Dawernisme*, 4ª parte.  
(5) Para pôr esta asserção, que poderia passar como contradictoria, attento o que acima

nerou com o cruzamento dos invasores e extinguiu-se quasi totalmente?

Como é que o elemento maravilhoso e cavalheiresco do indio, porque elle o tinha, perdeu-se e desvaneceu-se completamente?

Como é que o ideal messianico da raça conquistada cedeu o passo ao da raça conquistadora? E note-se que o ideal messianico é uma das leis sobre que se apoia a formação da poesia popular, na hora das grandes afflições do povo.

Onde o heróe indiano? Onde o seu semideus? Onde o *caipora*? (6) Onde o *Jeropary*? Onde a lenda de *Somé*? Onde a theogonia de Thevet? Onde *Tamendouare* (Tamandaré)?

Tudo isso só conhecem hoje os curiosos. Tudo perdeu-se, tudo se desfez.

Martins (7) parece ter encontrado a razão deste facto, e eis o que escreve elle, tratando do character da raça americana:

«Quero fallar desse grande facto que já precedentemente tive occasião de assignalar da extranha divisão da população americana em uma infinidade de grupos, grandes e pequenos, grupos isolados e sem nexo, que mutuamente se repellem e nos apparecem como fragmentos de uma vasta ruina. A historia das outras nações do globo nada nos offerece que tenha a minima relação com semelhante estado.

«Não se pode duvidar que desde os mais remotos tempos a America não tenha sido quasi sem interrupção o theatro de emigrações, que tem agitado os diferentes pontos de sua superficie e todo nos faz ver nestas deslocacões violentas uma das causas principaes do desmoronamento das antigas sociedades, da corrupção das linguas, da degradação dos costumes, consequencia quasi inevitavel da miseria produzida por qualquer grande catastrophe.

dissemos, é necessario lembrar ao leitor uma cousa. Quando consideramos a raça india como vigorosa, tende-a chamado indolente, encaramola somente pelo lado de suas lendas e de sua theogonia principaes. Era madrega phisicamente, porém no conjunto, embora pequeno de suas tradições, encontra-se muita cousa interessante e original, que debaixo de outras circunstancias, poderia vir um dia talvez a crear uma fonte tradicional para a poesia popular brasileira. V. j. m. os curtos a este respeito a *Chronica da Companhia de Jesus*, pelo padre Simão de Vasconcellos, o *Novo Orbe Seraphico* do padre Jabotão e o 6.º volume das *Obras Posthumas* de Gonçalves Dias, onde se poderá encontrar a descripção dos costumes indianos. Posta de parte a tendencia de G. Dias para o indianismo, o leitor poderá ajuizar por esse estudo do poeta (*Brazil e Oceania*) o que tinha de bom e mau a raça india.

(6) Hoje diz-se *caipora*.

(7) Cit. por G. Dias no—*Brazil e Oceania* pag. 244 e seg.

«... Devemos crer que alguma grande commoção da natureza, algum temeroso tremor de terra, tal como aquella a que outr'ora se attribuia a submersão da formosa Atlantide tinha envolvido em seu circulo destruidor os habitantes do novo continente?»

Isto, apesar de não ser escripto directamente em referencia á questão que nos occupa, parece-nos poder se applicar á ella. Essas catastrophes, de que falla Martins, sam as mesmas reconhecidas por Darwin, que concorrem para a extincção de uma raça.

Assim, diz E. Ferrière (8) «uma praga subitamente desencadeada, ou uma mudança não explicada de temperatura geral, como houvesse talvez nos tempos pre-historicos, poderá só causar a destruição de uma especie.»

Mas isto não deixa ainda de ser uma hypothese, e, como tal, necessaria de demonstração.

A razão principal da dissolução indigena foi, nada mais nada menos, que o principio de selecção natural *struggle for life*. A raça conquistadora era mais robusta, o indigena teve de ceder. No combate entre duas raças que se disputam o mesmo alimento (9), o mesmo meio, a victoria será da mais forte.

Além disso, occorre outra razão:—a incomunicabilidade do indio, que pouco logar dava ao cruzamento.

O indio nunca passou de caçador. Ainda hoje, nas poucas tribus e colonias que se encontram no interior do Maranhão, e as quaes tivemos occasião de ver, o indio leva a mesma vida e tem os mesmos costumes que antigamente. A sua arma é ainda o arco, a flecha, a taquára e o tacaie.

Si os indios mansos andam meio vestidos, os bravos conservam-se completamente nus, somente com a *tanga* ou *tacanhoba*, e enfeitam-se de pennas e cordas tecidas de *tocum*, pintadas de encarnado e preto. Usam os cabellos cortados na frente, com o resto crescido, encaixilhando-lhes o rosto. Alguns vimos com o lobulos furados, quasi a encostarem-lhes nos hombros. As suas danças sam ainda as mesmas, com o maracá e o canto guttural e monotonico. Sam sempre os mesmos no moral:—desconfiados e vingativos.

Não ha dous annos, uma tribu assassinou um escravo na comarca de Viana

(8) Obra citada pag. 38.

(9) F. Ferrière—L. cit. pag. 59.

(Maranhão), tendo tentado assassinar o senhor, porque este mandára o dito escravo derrubar um *pau d'arco* em terras, que os índios diziam pertencerem-lhes.

Ainda ha o facto da lingua indigena, rudementaria, incompleta, infante ainda, para explicar essa especie de calma na civilização indiana, apesar das communicações dos índios com os Europeus.

Disto decorre que o indio não podia cruzar-se, o fazia difficilmente, e por isso ficou sempre estacionario e extingue-se aos poucos.

Parecerá talvez um pouco desconnexo o virmos aqui com estas reflexões acerca dos índios. A nossa idéa, porem, será comprehendida, desde que a explicarmos cabalmente.

O que queremos tirar á limpo é, por ora, o facto de que na nossa poesia popular não existe um só resquicio da população indigena, e que por consequencia, ella deveu a sua formação á elementos novos, á leis excepcionaes e quasi somente de transplantação.

Que o indio nenhuma tradição nos legou é facto sabido e não carece de prova. Ninguem o lamenta, á esse facto, e só um ou outro procura fazer renascer esse anachronismo.

Nas lendas hoje ainda repetidas pelo povo existem, que sabemos, somente a do *caipora* e do *corupira* de origem indiana. Isto para o maravilhoso.

Do elemento cavalheiresco nada conhecemos.

Não originando-se o nosso Romanceiro da raça que habitou primitivamente o Brazil, segue-se que elle basea-se nas tradições da raça conquistadora.

Isto se provará, não só com a citação dos romances herdados, mas tambem com a sua confrontação com os portuguezes, as suas variantes, etc.

(Continúa.)

Celso de Magalhães.

### AOS PERNAMBUCANOS.

Defender os patrios lares  
E dever do cidadão.

Oh, Povo Pernambucano!  
Valente bravo dos bravos!  
As armas! que o Vaticano  
Solta os infames escravos! —  
Phariseus, vis jesuitas,  
Seitas do mundo maldictas,  
Androjos da humanidade,  
Conquistar não podeis gloria  
Aonde proclama a historia:  
Tolerancia e liberdade!

Qu'importa ver-se Lucena —  
Nero sem patria nem honra —

De Vital feroz hyena  
Feito consocio! Deshonra!!  
Mas fazer correr á espada  
A multidão desarmada.  
É não ter brio, pudor:  
É ser Judas enviado  
Pelo arjo condemnado  
Contra os filhos do Senhor.

Nobre prole de Ribeiro  
— Do Brazil novo Catão —  
Que a morte vio sobreano  
Por não ver a da nação!  
As armas! que o povo geme  
E a hydra no claustro freme  
Ante o Supremo Pader:  
Correi as armas contentes,  
De Caneca descendentes,  
Vossos lares defender.

Brama embora o Aquilão,  
Abra seu seio o abyssmo,  
Nunca mais da inquisição  
Tremerá o Christanismo.  
Deos existe! é Soberano!  
Nem creio que ser humano  
Seu Pader possa negar!  
Mas dizer ser infallivel  
O papa?! É cousa risivel  
Ouvir tal dogma pregar.

Exulta, maçonaria!  
Qu'en te saúdo a victoria.  
Fóra! fóra! a fradaria,  
D'Arbues ditosa gloria.  
Viva a patria e a liberdade!  
Um brado á fraternidade,  
Um brado á nossa união!  
Mas abaixo o despotismo.  
Que já vi cavando abyssmo  
Incendiando a nação.

Oh, Povo Pernambucano!  
Valente bravo dos bravos!  
As armas! que o Vaticano  
Solta os infames escravos!

S. Luiz, 29 de maio de 1873.

Miguel Marques.

\*\*\*

Eu era morto: polre folha verde,  
um sol ardente me rouhou a côr;  
tornei á vida, renasci mais verde,  
ao doce orvalho de teu puro amor.

Era minh'alma solidão agreste!  
Só nella espinhos; não havia flor!  
Mas derepente germinaram rosas,  
ao doce orvalho de teu puro amor.

Qual barboleta no calmoso estio  
em vão procura no rosal verdor,  
assim eu era; vim aclar conforto  
no doce orvalho de teu puro amor.

Pallida estrella de dourados sonhos,  
rosa banhada de gentil pallor,  
dêste-me vida... palpitou meu peito  
morto nas cinzas de infeliz amor.

1873.

D. S.

### EXTASI.

Cantar em versos daetylicos  
a rufura cor de teus labios  
onde, ás vezes, louco, extatico,  
em deliciosos esculos  
me sinto elevado a ethereos  
mundos, estranhos, e fulgidos,  
quando em teu meu olhar avido  
bebe a suprema delicia  
que despede a chamma vivida  
Tesse teu olhar magnetico:  
e quando a teu collo nivo,  
que disputa a cor ao marmore,  
unindo o meu rosto calido  
lhe sorvo o perfume mystico,  
grato, suave e odorifero;  
quando, enfim, meus braços sóffregos  
anhelantes de lascivia,  
rodam avidos, freneticos  
a tua cintura eburnea...  
— Não consegue a lyra gelida,  
balda de ardor poetico,  
nem com o effeito magico,  
dos delicados esdruxulos,  
sequer n'um desórtopeo intimo!

Maranhão, 1871.

Theophilo.

Á...

É doce no remanso d'alta noite  
ouvir ao longe o suspirar da flauta;  
semelha ao canto que soluça o morto  
da patria ausente.

Infunde n'alma uma saudade meiga,  
um vago anseio indefinido e santo!  
Corre dos olhos sem motivo o pranto  
suave e terno.

Oh! tu não sabes o prazer que eu sinto,  
em alta noite de luar banhada,  
ouvindo a flauta ao soidão soprada  
longe, bem longe!

Recordo os dias que passei contigo,  
recordo as noites de luar ameno,  
recordo o instante que beijei sereno  
tua negra trança.

Tenho saudades do piano amigo,  
o confidente dos amores nossos,  
das horas longas que sonhei contigo  
a vida — um óden.

Ah! si eu pudesse te apertar nos braços,  
e no teu seio reviver agora  
a vida alegre do viver d'outra ora  
feliz eu fóra!

Mas não! és d'outro que te gosa e beija  
o niveo seio onde a volupia mora!  
Não, eu não quero reviver contigo  
a vida alegre do viver d'outra ora!

Rio de Janeiro, março de 1873.

A. Carlos d'Almeida.